

WILSON MARTINS



Releituras

• A etiqueta "realismo mágico" anda agora desmonetizada, mas tempo houve em que estudantes, professores e críticos só juravam por ela — e, quanto mais juravam, mais aumentavam as confusões e equívocos, para nada dizer das simplificações arbitrárias e dos conhecimentos de oitiva. Tudo isso foi corrigido por Seymour Menton na "História verdadeira do realismo mágico" (México: Fondo de Cultura Económica, 1998).

E, antes de mais nada, a falsa idéia de que se trata de uma técnica exclusiva da América Latina, por latino-americanos inventada: distinguindo-se do "real maravilhoso" de Alejo Carpentier, o realismo mágico é "uma modalidade internacional, presente tanto na pintura quanto nas letras, e não se limita à literatura latino-americana". A exemplo de outros movimentos artísticos e literários, escreve ele, "o realismo mágico surge em certo momento histórico (1918) como reação às condições políticas e socioeconômicas. Se ainda continua vigente, é porque muitos criadores e leitores procuram a alternativa para um mundo que vai de mal a pior".

Havendo, embora, contaminações recíprocas, é certo que o realismo mágico não se identifica nem com o expressionismo, nem com o surrealismo. Seymour Menton cita, a esse propósito, o pintor holandês Pyke Koch, para quem "o realismo mágico se baseia na representação do que é possível mas improvável, enquanto o surrealismo se baseia em situações impossíveis".

Se não se confunde com o real maravilhoso, como ficou dito, tampouco se identifica com o fantástico: quando "os sucessos ou os personagens violam as leis físicas do universo, como em 'Aura', de Carlos Fuentes, a obra deveria classificar-se de fantástica. Quando esses elementos fantásticos têm um fundo folclórico associado com o mundo subdesenvolvido com predomínio da cultura indígena ou africana, então será mais apropriado utilizar o termo inventado por Carpentier: o real maravilhoso".

Claro, as fronteiras são movediças, o que torna mais imperativo exprimir tais conceitos, como diria Descartes, por meio de idéias claras e distintas. Pode-se dizer, sem grande incorreção, que o realismo mágico foi uma invenção de professores, mais que de ficcionistas, se pensarmos, como lembra Seymour Menton, que lembra Flóres, catadrático de literatura latino-americana no Queens College, de Nova York, foi o primeiro a afixar essa etiqueta à chamada "nova narrativa", por oposição à literatura de protesto social até então predominante nos países do continente. Foi a escola de pensamento crítico dominante nas décadas de 50 e 60, a ponto de provocar inevitáveis e tendiosos, automatismos de análise: os ficcionistas partiram em busca do realismo mágico como o pote de ouro no fim do arco-íris.

De fato, foi uma epidemia contagiosamente imitativa, espalhada por todos os países. Uma das suas obras paradigmáticas é, como se sabe, o legendário romance de Gabriel García Márquez, analisado por Seymour Menton com brilho e perspicácia, em páginas que, de passagem, levantam o intrigante problema de influência, ou genealogia criadora, ou reminiscência involuntária, como a queiram chamar, que é o modelo encontrado por "Cem anos de solidão" no romance injusta e suspeitamente esquecido de André Schwarz-Bart, "Le dernier des justes" (Göncourt de 1959).

Apesar desse prêmio prestigioso e de ter sido considerado por Pierre de Boisdeffre como um dos romances franceses mais impor-

tantes das duas décadas anteriores a 1963 (com o que, de minha parte, concordo inteiramente), o livro foi objeto de críticas rancorosas e do consequente "esquecimento" em que caiu. A repercussão desfavorável pode explicar, pelo menos em parte, a evidente esterilidade em que Schwarz-Bart se inutilizou desde então.

O romance não é nem mesmo citado nas histórias literárias francesas ou obras de crítica, havendo entre os especialistas uma espécie de convenção não-escrita para silenciar a respeito. Quanto aos tradatistas da chamada "literatura do Holocausto", observa Seymour Menton, "costumam desprezá-lo por motivos religiosos e históricos".

Contudo, por inusitada que tenha sido a recepção do romance, escreve ele, "temos que descobri-lo e apreciá-lo na década de 90 e para o futuro com base em suas qualidades literárias". Entre elas, o que denomina as "pregurações" de "Cem anos de solidão". Se Borges reescreveu o Quixote, Schwarz-Bart inventou sem querer o romance de García Márquez, antecipando-se com a solidão secular de uma família mítica judia à solidão igualmente secular da mitológica família latino-americana. Os dois romances assemelham-se pela estrutura narrativa e por numerosos traços de realismo mágico. Há no colombiano um pormenor estilístico muito original, escreve Seymour Menton, que bem parece inspirado em Schwarz-Bart: "Em 'Cem anos de solidão', depois do massacre da bananeira, José Arcadio Segundo viu-se rodeado de cadáveres no trem rumo ao mar: 'os mortos homens, os mortos mulheres, os mortos crianças'". Em situação semelhante do "Último dos justos", Ernie Levy, viajando apertado no trem de Auschwitz, recolhe com cuidado o cadáver de uma criança que acaba de morrer e o coloca (...) "sobre o montão crescente de corpos judeus, de mulheres judias, de crianças judias".

García Márquez vivia em Paris entre 1955 e 1957 e, embora não haja provas de que tenha lido "O último dos justos" (o contrário seria inverossímil, dada a celebridade do prêmio Goncourt), os dois romances assemelham-se pela estrutura narrativa e por numerosos elementos de composição. Não cabe repetir aqui a convincente demonstração em que Seymour Menton examina as sete partes que prefiguram "Cem anos", nomeadamente o espaço mágico-realista (Stiltenstadt e Macondo, por exemplo), os personagens inescrutáveis (arquétipos e indivíduos) e os episódios mágico-realistas exemplares.

Como Bernal Díaz de Castillo escreveu aos 90 anos a "História verdadeira de la conquista de La Nueva España", Seymour Menton confessa, com um sorriso, haver-se apropriado do título para designar o seu próprio livro, pois, se o cronista deliberara desmentir ou corrigir os antecessores, entre outros López de Gómara, ele se apresenta com um "desafio aberto aos que, sem êxito, procuraram definir o realismo mágico" — além, acrescento por minha conta, de propor uma nova leitura de "Cem anos de solidão", esse clássico venerável do realismo mágico latino-americano.

Eleições diretas apontam a poesia que representa o Brasil neste fim de século

'Poesia sempre' promove votação para antologia a ser publicada no ano que vem

Paulo Roberto Pires

Antologias e listas tendem a formar um coro de descontentes por incluídos ou esquecidos. Para minimizar possíveis distorções ou subjetivismos e, principalmente, aumentar a representatividade de uma seleção, a revista "Poesia Sempre" inaugurou as diretas na literatura para sua edição nº 13, que será publicada no ano que vem com a seleção de 20 nomes, num universo de 282 poetas vivos e atuantes. A lista pretende formar um painel da produção poética contemporânea no Brasil, neste fim de século.

— A revista sempre foi aberta a todas as tendências e a poetas de todo o Brasil — diz o poeta e crítico Antonio Carlos Secchin, que edita a publicação da Fundação Biblioteca Nacional. — O que nós fizemos foi radicalizar este espírito democrático, produzindo uma antologia que não viesse de um gueto, de uma seita e representasse a pluralidade de vozes que marca a poesia brasileira hoje.

Nomes foram escolhidos por 96 jurados de todo o Brasil

A radicalização democrática de que fala Secchin foi cuidadosamente planejada pelos oito editores adjuntos da revista. A cada um coube a tarefa de indicar uma lista de pelo menos cem nomes aptos a formarem um amplo colégio eleitoral. As indicações foram cruzadas para estabelecer as menções mais constantes e, a partir daí, foram enviados formulários para 119 jornais entre jornalistas de cadernos culturais, escritores, críticos e poetas que mantinham uma produção crítica constante. Dos indicados, 96 participaram da votação — os demais justificaram as abstenções por problemas de saúde ou por não se considerarem suficientemente informados sobre a produção contemporânea.

— Tomamos muito cuidado para evitar particularizações ou que vínculos de diversas origens comprometessem a votação — observa Secchin. — Este procedimento aumenta a credibilidade da revista, pois o meu poético costuma ser refratário aos critérios de seleção mais tradicionais.

Uma vez eleito, o colégio eleitoral teve que obedecer ainda a uma outra regra: todos estavam terminantemente proibidos de votar em João Cabral de Melo Neto. O voto, é claro, é uma mais do



JOÃO CABRAL de Melo Neto: lugar cativo em qualquer antologia



ADÉLIA PRADO: voz feminina ao lado de Marly



FERREIRA GULLAR: perto da nova geração

OS 20 POETAS ESCOLHIDOS

- Adélia Prado
- Adriano Espínola
- Afonso Romano de Sant' Anna
- Alexei Bueno
- Augusto de Campos
- Armando Freitas Filho
- Bruno Tolelino
- Carilo Azevedo
- Carlos Nejar
- Ferreira Gullar
- Francisco Alvim
- Haroldo de Campos
- Ivan Junqueira
- José Paulo Paes
- Léo Ivo
- Manoel de Barros
- Marly de Oliveira
- Mosacy Félix
- Ruy Espinheira
- Sebastião Uchoa Leite

Os editores da revista "Poesia Sempre" divulgaram, em ordem alfabética, a lista dos autores que constarão na antologia a ser editada em 1999.

que simpática reverência, uma vez que o autor de "Agressões" e "Morte e vida severina", *hors-concours*, é incluído obrigatoriamente em qualquer tipo de amostragem que se realize da produção poética contemporânea.

Tanto cuidado se relêtte, finalmente, no resultado da eleição. Estão presentes poetas de todas as gerações, estilos e tendências. De Manoel de Barros a Adriano Espínola, dos concretos Augusto e Haroldo de Campos a Adélia Prado, a seleção é marcada justa-

mente pela diversidade e a ausência de tendências predominantes ou escolas estéticas.

— É impossível deixar de reconhecer que na antologia estarão representadas todas as tendências — diz Secchin. — Eles têm em comum, no entanto, o fato de terem obras consistentes e serem grandes nomes da poesia.

A direção da "Poesia Sempre" considera o resultado tão satisfatório que já pensa em publicar a antologia em separado, como uma edição autônoma. Os organi-

zadores pretendem dedicar cerca de dez páginas a cada autor — procurando, sempre que possível abranger diversas fases da produção poética dos selecionados — além de fornecer perfis biográficos e críticos de cada um e uma bibliografia seleta.

— Perto da comemoração dos 500 anos de Brasil, nosso objetivo é deixar para o século que vem uma obra de referência obrigatória do que de melhor se produziu nestes últimos anos — diz Antonio Carlos Secchin. ■

Cláudio Murilo, poeta culto que olha o mundo com distanciamento e humor

Obra reúne poemas do autor espalhados em 14 livros desde a estréia em 1959 até hoje

Módulos, de Cláudio Murilo Leal • Editora Sette Letras, 310 pgs • R\$ 20

Alexei Bueno

Reunião geral da obra de um poeta, ao mesmo tempo inescrutáveis (arquétipos e indivíduos) e os episódios mágico-realistas exemplares.

Nesse caso é que se situa "Módulos", onde encontramos, em sua integridade, a poesia de Cláudio Murilo Leal, anteriormente espalhada por catorze livros, de 1959 até hoje, ou seja, quase quarenta anos de exercício poético. Antes de qualquer outra classificação, podemos dizer que a poesia de Cláudio Murilo é uma poesia da cultura. O autor é um poeta da cultura, no mesmo sentido em que Borges, em outro registro, o é igualmente. Até nos títulos do poeta isso se confirma, bastando lembrar para tanto "Caderno de Proust", de 1982, "A velhice de Ezra Pound", de 1983, bem como "As guerras pánicas", de 1989.

fato, um levantamento estatístico da frequência de nomes próprios na poesia do autor comprovaria isso. O livro em si, o objeto livro — o que o distíque da grande maioria dos poetas, cuja auto-reflexão não extrapola o já nauseante topos do "fazer poético" — serve de tema, como em "No Real Gabinete Português de Leitura", "O poeta" e "Gilbert Jeune".

Poesia que aos poucos vai se armando de peculiar ironia

Rigorosamente situado em uma posição que se poderia classificar como pós-moderna, Cláudio Murilo assiste com distanciamento ao espetáculo do mundo contemporâneo. Partindo de um *cantabile* de alta qualidade, um lirismo próximo da tradição portuguesa e ibérica, a sua poesia vai paulatinamente se armando de uma ironia muito peculiar, relacionada com as características de poeta da cultura e poeta com distanciamento em relação à auto-imagem do mundo hodierno — como já mencionamos —, o que faz dele um dos maiores humoristas da poesia brasileira.

Para tanto — o distanciamento, a ironia e o humor — Cláudio Murilo lança mão de todos os recursos necessários da poética no-

mo. Há, porém, por detrás desse fino humor que caracteriza a feição majoritária de sua obra, uma melancolia, uma lassidão característica da poesia moderna — da verdadeiramente moderna, a que assume o mais atual e autêntico dado da modernidade, o nojo de si própria, no oposto à euforia anacrônica que caracteriza toda a visão forjada da civilização atual — que nos remetem para o lado lírico de sua poesia e através das quais toda ela ganha em perspectiva e homogeneidade.

De fato, entre as angústias mentais do homem contemporâneo — contra as quais o humor é uma das armas de eleição — encontramos, em meio ao circo da euforia tecnológica, a consciência da desumanização progressiva, a troca do todo concreto da natureza originária por uma compartimentalizada floresta de abstrações, a impossibilidade do conhecimento totalizante, tanto maior quanto mais promiscuamente ele se oferece. Esse aspecto de frustração perante uma perda possibilitada de conhecimento totalizador, utópica ao menos desde a Renascença, e que amplia grandemente a sensação de brevidade da vida para o homem de espírito, é uma constante na poesia de Cláudio

RODAPÉ

• LANÇAMENTOS
Hoje: "Diário íntimo de um cachorro", de Elena Arkind, às 17h, na Veterinária Jardim Botânico (Jardim Botânico 381). Segunda, dia 21: "Décadas de espanto e uma apologia democrática", de Wanderley Guilherme dos Santos, às 18h, no Iuperj (Rua da Matriz 82); "Anna Letyica", de Angela Ancora da Luz e "Maria Clara Machado", de Cláudia de Arruda Campos, às 19h, na Galeria GB Arte (Shopping Casino Atlântico); "Terapia do riso", de Elzi Nascimento e Elizete Melo Quinta, às 19h, na Letras e Expressões (Visconde de Pirajá 276); "Retratos do tempo", de Eny Miranda, às 19h, na Livraria do Museu (Rua do Catete 159). Terça, dia 22: "Liberdade ainda que profana", de Ruddy, às 20h, na Casa de Cultura Laura Alvim (Vieira Souto 176). Quarta, dia 23: "Carlos Machado — O teatro da madrugada", de Luis Noronha, "Hélio Pellegrino — A paixão indignada", de Paulo Roberto Pires e "Leme", de Arthur Poerner, às 19h, no Planetário da Gávea; "Nação crioula", de José Eduardo Agualusa, às 19h, no Consulado Geral de Portugal (São Clemente 424); "A revolução da longevidade", de Francisco Foret-

& VERSO

Telefones/Redação: 534-5616 e 534-5650
Telefones/Publicidade: 534 5500

Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar. CEP: 20233-900

de 1900. O mesmo nos poemas, como em "O alienado", "Meus poetas prediletos" ou "Iniciação antropológica", entre outros. De

curios possíveis, ao postumo do prosaísmo voluntário, da enumeração à desestruturação do discurso, da citação ao plurilingüis-

constantemente em presença de Murilo, agora mais do que oportunamente oferecida como um todo ao público leitor. ■

te, às 20h, na Argumento (Dias Ferreira 417).